

## **A PLATAFORMIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO PARANÁ: IMPACTOS NA AUTONOMIA DOCENTE E NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Alexandre Henrique Silvestre Domingues

(IEEL – Instituto de Educação Estadual de Londrina)

**RESUMO:** Este artigo analisa os impactos da plataformização no ensino público do Paraná, com foco nas práticas pedagógicas e na autonomia docente. A partir da experiência do autor como professor da rede estadual, são discutidos os aspectos positivos e negativos do uso obrigatório de plataformas digitais, como Redação Paraná, Leia Paraná e Quizizz. A plataformização é abordada como uma ferramenta que, embora promova familiaridade com recursos tecnológicos e facilite o monitoramento do aprendizado, também impõe desafios como a perda de autonomia docente, a dependência de infraestrutura tecnológica e a falha na correção automatizada de atividades. O artigo destaca a necessidade de equilíbrio entre inovação tecnológica e práticas pedagógicas tradicionais, reforçando a importância do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plataformização; Autonomia docente; Tecnologia educacional.

### **1 Introdução**

A inserção de tecnologias digitais na educação tem sido uma constante nas últimas décadas, especialmente no contexto da rede pública de ensino. No Paraná, a Secretaria de Estado da Educação (SEED) implementou o uso obrigatório de plataformas digitais como Redação Paraná, Leia Paraná, Inglês Paraná, Matific, Khan Academy, Quizizz, entre outras, visando modernizar o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a adoção dessas ferramentas sem consulta prévia aos professores e sem a devida infraestrutura tem gerado debates sobre sua eficácia e impacto na prática pedagógica.

Este artigo tem como objetivo discutir os aspectos positivos e negativos da plataformização na educação, com base na experiência do autor como professor da rede estadual do Paraná há 15 anos e em sua participação na mesa-redonda “Plataformização no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”, realizada durante o 7º ESTAGIAR – UEL. A análise aborda a perda de autonomia docente, a dependência de infraestrutura tecnológica e os desafios da correção automatizada, além de destacar os benefícios do uso das plataformas quando bem aplicadas.

## 2 Contexto Histórico da Tecnologia na Educação Pública

A inserção de tecnologias na educação pública é um processo que remonta a décadas, marcado por tentativas de modernização e inovação pedagógica. Desde os televisores com aparelhos VHS, que os professores arrastavam em carrinhos pela escola, retroprojetores, passando pelas televisões com entrada USB, projetores digitais e os chamados Educatrans – computadores acoplados a grandes monitores –, as escolas públicas têm testemunhado a chegada de diversos recursos tecnológicos.

No entanto, a implementação dessas ferramentas nem sempre foi acompanhada de infraestrutura adequada ou de formação docente para seu uso eficaz. Como afirma Kenski (2012), “a tecnologia na educação não é um fim em si mesma, mas um meio para potencializar o processo de ensino-aprendizagem”. Essa afirmação ressalta a importância de se entender a tecnologia como uma ferramenta complementar, e não como um substituto para a mediação humana e as práticas pedagógicas tradicionais.

No caso específico do Paraná, a adoção de plataformas digitais como Redação Paraná, Leia Paraná, Inglês Paraná, Matific, Khan Academy, Quizizz, entre outras, ocorreu de forma centralizada e impositiva, sem consulta prévia aos professores ou consideração das particularidades de cada contexto escolar. Essa falta de diálogo, conforme aponta Almeida (2018), “ignora a expertise dos docentes e desconsidera as necessidades reais das escolas e dos alunos”. A implementação de tecnologias sem a participação ativa dos professores gera resistência e dificuldades práticas, uma vez que os educadores são importantes agentes no processo de ensino-aprendizagem e conhecem as realidades de suas turmas.

Além disso, a infraestrutura das escolas públicas muitas vezes não está preparada para suportar o uso massivo de plataformas digitais. Laboratórios de informática com capacidade limitada, falta de acesso à internet de qualidade e a ausência de dispositivos tecnológicos para todos os alunos são obstáculos que comprometem a eficácia dessas ferramentas. Como destaca Valente (2014), “a tecnologia só cumpre seu papel na educação quando há condições adequadas para seu uso e quando os professores são capacitados para integrá-la de forma significativa em suas práticas”.

### 3 Plataformização e Autonomia Docente

Um dos principais pontos de crítica à plataformização na educação é a perda de autonomia docente, um aspecto que tem sido amplamente discutido por educadores e pesquisadores. O uso obrigatório das plataformas digitais exige que professores e alunos as utilizem semanalmente, muitas vezes em detrimento de outras atividades pedagógicas mais criativas e contextualizadas. Essa obrigatoriedade limita a flexibilidade do planejamento pedagógico, impedindo que os professores desenvolvam projetos inovadores e adaptados às necessidades específicas de suas turmas.

A centralização do ensino em plataformas digitais reduz o papel do professor a um mero mediador do uso da tecnologia, em vez de um agente participativo e transformador no processo de ensino-aprendizagem. Como afirma Moran (2015), “a tecnologia deve ser um recurso complementar, não um substituto para a mediação humana”. Quando a tecnologia é imposta como ferramenta principal, sem espaço para a criatividade e a adaptação docente, o ensino corre o risco de se tornar automatizado e pouco reflexivo, afastando-se do caráter dialógico e crítico que deve permear a educação.

No contexto do Paraná, a obrigatoriedade do uso das plataformas é acompanhada de uma vigilância constante por meio do Power BI da Microsoft, que monitora o cumprimento de metas quantitativas, como o número de redações escritas ou livros lidos. Essa supervisão, embora tenha o objetivo de garantir a adesão às plataformas, ignora a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e desconsidera a participação do professor em avaliar o progresso dos alunos. Como destaca Freire (1996), “a educação é um ato de liberdade, e a autonomia do educador é essencial para que ele possa atuar como um facilitador do conhecimento, e não como um mero executor de tarefas”.

Além disso, a imposição do uso das plataformas desconsidera as particularidades de cada turma, cada aluno, e contexto escolar. Enquanto algumas turmas podem se adaptar rapidamente ao uso de tecnologias digitais, outras enfrentam dificuldades devido à falta de acesso à internet ou a dispositivos adequados. A obrigatoriedade de cumprir metas semanais nas plataformas, sem levar em conta essas diferenças, gera frustração tanto para os professores, que se veem limitados em sua prática pedagógica, quanto para os alunos, que podem se sentir pressionados e desmotivados.

Outro aspecto preocupante é a padronização do ensino que a plataforma impõe. Ao priorizar atividades pré-definidas nas plataformas, a Secretaria de Educação do Paraná (SEED) acaba desvalorizando projetos pedagógicos criados pelos professores, que muitas vezes são mais engajadores e significativos para os alunos. Um professor de Língua Portuguesa, por exemplo, pode ter um projeto de leitura que envolve obras literárias clássicas ou contemporâneas que não estão disponíveis na plataforma Leia Paraná, mas que são essenciais para a formação crítica e cultural dos estudantes. No entanto, a obrigatoriedade de cumprir metas na plataforma acaba limitando o tempo e os recursos disponíveis para iniciativas como essa.

#### **4 Aspectos Positivos das Plataformas Digitais**

Apesar dos desafios e críticas, as plataformas digitais adotadas na educação pública do Paraná apresentam aspectos positivos que merecem destaque. Um dos principais benefícios das plataformas é a familiaridade que proporcionam aos alunos com recursos tecnológicos. Em um mundo cada vez mais digitalizado, o domínio de ferramentas digitais é uma habilidade essencial para a vida pessoal e profissional.

Plataformas como o Quizizz, por exemplo, oferecem atividades interativas e gamificadas que engajam os estudantes e tornam o aprendizado mais dinâmico e atrativo. Como destaca Valente (2014), “a integração de tecnologias na educação é fundamental para preparar os alunos para os desafios do século XXI, desenvolvendo habilidades digitais e pensamento crítico”.

A plataforma Leia Paraná também apresenta aspectos positivos, especialmente no que diz respeito ao acompanhamento do progresso dos alunos. A cada 10% de livro lido, o estudante responde a questões sobre o conteúdo, o que permite ao professor avaliar o nível de compreensão e interpretação textual. Além disso, a plataforma fornece dados precisos sobre o número de páginas lidas e o tempo dedicado à leitura, facilitando o monitoramento do desempenho individual e coletivo.

Essas informações podem ser úteis para o planejamento de intervenções pedagógicas mais direcionadas, ajudando os professores a identificar dificuldades específicas e a propor atividades de reforço quando necessário.

Outro ponto positivo é a possibilidade de personalização do aprendizado. Plataformas como o Inglês Paraná oferecem atividades adaptadas a diferentes níveis de proficiência, permitindo que os alunos avancem no seu próprio ritmo. Essa flexibilidade é particularmente benéfica em turmas heterogêneas, onde os estudantes possuem diferentes conhecimentos prévios e habilidades. Ao permitir que cada aluno trabalhe em seu nível de conforto, as plataformas podem contribuir para um aprendizado mais inclusivo e eficaz.

Além disso, o uso de plataformas digitais pode facilitar o acesso a recursos educacionais diversificados. No caso do Leia Paraná, por exemplo, os alunos têm à disposição uma biblioteca digital com obras literárias que podem ser acessadas de qualquer dispositivo. Isso é especialmente vantajoso para estudantes que não têm acesso fácil a bibliotecas físicas ou que enfrentam dificuldades para adquirir livros. A plataforma também pode ser uma aliada no incentivo à leitura, especialmente para alunos que se sentem mais motivados a ler em dispositivos digitais.

Ao utilizar essas ferramentas, o professor tem a oportunidade de se familiarizar com novas tecnologias e metodologias de ensino, ampliando seu repertório pedagógico. Quando utilizadas de forma crítica e reflexiva, as plataformas podem se tornar aliadas importantes no aprimoramento da prática docente.

## **5 Aspectos Negativos das Plataformas Digitais**

No entanto, os aspectos negativos da plataformização são significativos. A plataforma Redação Paraná, por exemplo, foi apresentada como uma solução para a correção de textos, mas sua inteligência artificial é falha e exige que o professor revise as correções automatizadas. Isso triplica o trabalho docente, em vez de reduzi-lo. Além disso, a SEED desconsidera as produções textuais realizadas em caderno, valorizando apenas o que é digitado na plataforma.

Outro desafio é a falta de infraestrutura adequada. Poucos laboratórios de informática das escolas públicas comportam turmas com mais de 30 alunos, e muitos estudantes não têm acesso à internet ou a dispositivos tecnológicos em casa. Isso cria desigualdades no acesso ao conhecimento e limita o potencial das plataformas.

No IEEL, Instituto de Educação Estadual de Londrina, os alunos do Ensino Fundamental estão inseridos na educação em tempo integral. Isso permite que os alunos

façam uso do componente curricular “Estudo Orientado” para responderem às questões da plataforma Quizizz. Assim, não precisam concluir atividades em casa e podem utilizar os recursos tecnológicos oferecidos pela SEED, como tablets, notebooks e computadores.

Isso não ocorre com o Ensino Médio, que tem as mesmas atribuições de atividades diariamente, mas os alunos devem fazer uso da plataforma Quizizz em suas casas, com seus dispositivos eletrônicos e internet.

A obrigatoriedade do uso das plataformas digitais, aliada à constante observação dos dados por meio do Power BI da Microsoft, tem gerado impactos significativos na saúde mental de alunos e professores. A pressão por cumprir metas quantitativas, como o número de redações escritas ou livros lidos, cria um ambiente de cobrança excessiva que desconsidera a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Como afirma Codo (1999), “a pressão por resultados imediatos e a falta de reconhecimento do trabalho docente são fatores que contribuem para o esgotamento emocional e a desmotivação”.

No caso dos professores, a necessidade de garantir que os alunos realizem as atividades nas plataformas e a constante vigilância dos dados geram um sentimento de falta de autonomia e desvalorização profissional. O Power BI, por exemplo, fornece informações sobre quantas redações foram escritas ou quantos livros foram lidos, mas não avalia se as redações atendem aos requisitos do gênero textual estudado ou se os alunos realmente compreenderam as obras literárias. Essa redução do processo educacional a números ignora a complexidade do ensino e a importância da mediação docente, gerando frustração, estresse e ansiedade entre os educadores.

Para os alunos, a obrigatoriedade das plataformas e a ênfase em métricas quantitativas também são prejudiciais. Muitos estudantes se sentem pressionados a cumprir metas de leitura ou produção textual sem que haja um acompanhamento personalizado de suas dificuldades e avanços. Além disso, a plataforma Leia Paraná, por exemplo, contabiliza apenas os livros lidos em seu ambiente digital, desconsiderando as leituras realizadas em livros físicos, inclusive aqueles presentes nas listas dos principais vestibulares do país, que não estão presentes na plataforma. Essa limitação desmotiva os alunos que preferem ou precisam ler obras físicas, além de criar uma sensação de que seu esforço não é valorizado.

A falta de reconhecimento do aprendizado real, em favor de métricas superficiais, contribui para a desmotivação dos estudantes. A pressão por resultados quantitativos, sem considerar a qualidade do aprendizado, pode levar a um ensino mecanizado e pouco

significativo, afetando tanto o desempenho acadêmico quanto o bem-estar emocional dos alunos.

## **6 A Importância da Mediação Docente**

A mediação docente é um elemento fundamental para o sucesso da plataformização na educação. Sem a intervenção ativa e crítica do professor, o uso das plataformas digitais pode resultar em um aprendizado superficial, automatizado e pouco significativo. Como afirma Freire (1996), “a educação é um ato de diálogo, não de transferência de conhecimento”. Essa afirmação ressalta a importância do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, capaz de transformar informações em conhecimento por meio da reflexão, da crítica e da interação com os alunos.

As plataformas digitais, por mais avançadas que sejam, não têm a capacidade de substituir a sensibilidade e a expertise do professor em identificar as necessidades individuais dos estudantes, promover debates, estimular o pensamento crítico e criar conexões entre o conteúdo e a realidade dos alunos. Enquanto uma plataforma pode corrigir automaticamente uma redação com base em critérios pré-definidos, apenas o professor é capaz de compreender o contexto por trás da produção textual, identificar nuances no desenvolvimento das ideias e oferecer feedbacks personalizados que contribuam para o crescimento do aluno como escritor e pensador.

Além disso, a mediação docente é essencial para garantir que o uso das plataformas não se torne uma mera reprodução de atividades mecânicas. Sem a intervenção do professor, os alunos podem se limitar a cumprir tarefas de forma automática, sem refletir sobre o significado do que estão aprendendo. Como destaca Moran (2015), “a tecnologia deve ser um recurso complementar, não um substituto para a mediação humana”. O professor tem o papel de contextualizar as atividades das plataformas, relacionando-as com os objetivos pedagógicos e com as experiências dos alunos, de modo a tornar o aprendizado mais significativo e engajador.

Outro aspecto crucial da mediação docente é a capacidade de adaptar as plataformas às particularidades de cada turma e de cada aluno. Enquanto as ferramentas digitais tendem a ser padronizadas, o professor pode ajustar seu uso de acordo com as necessidades e os ritmos de aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, em turmas com dificuldades específicas em

leitura, o professor pode complementar as atividades da plataforma Leia Paraná com discussões em sala de aula, atividades em grupo e leituras adicionais que aprofundem a compreensão dos textos.

A mediação docente também é fundamental para promover a autonomia e a criticidade dos alunos. Ao invés de depender exclusivamente das plataformas para o aprendizado, os estudantes precisam ser incentivados a questionar, analisar e construir conhecimento de forma ativa. O professor, nesse sentido, atua como um facilitador que guia os alunos na interpretação das informações, na resolução de problemas e na aplicação do conhecimento em situações reais. Como afirma Almeida (2018), “o papel do professor é criar condições para que o aluno se torne autor de sua própria aprendizagem, e não apenas um consumidor passivo de conteúdos”.

As plataformas digitais devem ser entendidas como ferramentas complementares, que ampliam as possibilidades de ensino e aprendizagem, mas que não substituem a figura do professor como mediador e facilitador do conhecimento. Para que a tecnologia seja verdadeiramente eficaz, é essencial que haja um equilíbrio entre inovação tecnológica e práticas pedagógicas tradicionais, garantindo que o processo educativo continue a ser um espaço de diálogo, reflexão e construção coletiva de saberes.

## **7 Conclusão**

A plataformização na educação pública do Paraná apresenta aspectos positivos e negativos que precisam ser cuidadosamente equilibrados. Embora as plataformas digitais promovam a familiaridade com recursos tecnológicos e facilitem o monitoramento do aprendizado, sua implementação obrigatória e centralizada tem gerado desafios como a perda de autonomia docente, a dependência de infraestrutura tecnológica e a falha na correção automatizada.

Para que a plataformização seja efetiva, é essencial que a SEED dialogue com os professores e invista em infraestrutura e formação docente. Além disso, as plataformas devem ser utilizadas como ferramentas complementares, não como substitutos para a mediação humana. A educação é, acima de tudo, um processo dialógico e reflexivo, e a tecnologia deve servir para potencializá-lo, não para limitá-lo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: SEED/MEC, 2018.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2015.

VALENTE, J. A. **Aprendizagem e tecnologias digitais**. São Paulo: Cortez, 2014.